

**SUJEITO DESLOCADO E ALTERIDADE EM A HORA DA  
ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR  
DISLOCATED SUBJECT AND OTHERNESS IN CLARICE  
LISPECTOR'S THE HOUR OF THE STAR**

*Ana Carolina Sá Teles*

**RESUMO:** O presente artigo refere-se aos temas do sujeito deslocado e da relação com a alteridade em *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector. Primeiramente, será abordada a questão do sujeito deslocado ou desviante, a partir de uma perspectiva que considera a psicanálise. O narrador Rodrigo S. M. coloca-se à margem de sua sociedade e Macabéa é uma personagem excluída por excelência. Ademais, ambos são apresentados como sujeitos descentrados. Posteriormente, analisarei a relação entre o “eu” e o “outro” no romance de Lispector conforme desenvolvido no conflituoso relacionamento entre Rodrigo S. M. e Macabéa, procurando investigar suas implicações éticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** *A hora da estrela*; sujeito deslocado; alteridade.

**ABSTRACT:** This article refers to themes such as the displaced subject and the relationship with otherness in Clarice Lispector's *The hour of the star* (1977). Firstly, it will approach the issue of a deviant or dislocated subject according to a psychoanalytic perspective. The narrator, Rodrigo S. M., puts himself in the margins of his society and Macabéa is an excluded character *par excellence*. In addition to that, both are presented as off-centered subjects. Secondly, the relationship between the “I” and the “other” will be analyzed, especially concerning the conflictive relationship between Rodrigo S. M. and Macabéa and its ethical implications.

**KEYWORDS:** *The hour of the star*; dislocated subject; otherness.

Os personagens e sujeitos desenvolvidos na narrativa de *A hora da estrela* (1977)<sup>1</sup>, de Clarice Lispector, contradizem o sujeito racional do *cogito* cartesiano, instaurando não apenas uma nova concepção de sujeito, que é descentrada, como também novas formas de narrar que apresentam impasses à instância autoral e ao conceito tradicional de representação literária. Ademais, os personagens desse romance frequentemente se encontram excluídos de sua sociedade e cultura ou marginalizados em relação a essas.

A partir de uma noção moderna de concepção de sujeito e de teoria da narrativa, pretende-se, neste artigo, desdobrar a análise da relação entre o “eu” e o “outro” no romance *A hora da estrela*, especialmente, no que concerne ao enfrentamento e convívio entre as duas figuras-chave do livro que são Rodrigo S.M. e Macabéa.

---

<sup>1</sup> Alguns críticos dividem-se entre a classificação genérica de novela ou romance para o livro. Ver, por exemplo, a discussão levantada por Ana Aparecida Arguelho de Souza em *O humanismo em Clarice Lispector: um estudo do ser social em A hora da estrela*, capítulo 6. SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. *O humanismo em Clarice Lispector: um estudo do ser social em A hora da estrela*. São Paulo, Musa Editora, Dourados, UEMS, 2006, p. 59-77.

Antes de desenvolver esse percurso, porém, gostaria de citar o primeiro parágrafo do romance *A hora da estrela*, que apresenta uma reflexão de Rodrigo S. M., justamente porque este lança temáticas cruciais e paradigmáticas dessa obra:

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou (LISPECTOR, 1998, p. 11).

O que o romance enfoca nessa abertura é o começo da vida, acompanhado dialeticamente pela ideia aparentemente oposta de que o universo jamais começou, além de estar presente também a ideia de que sempre houve o “nunca” e o “sim”.

Portanto, na leitura de *A hora da estrela*, estaremos diante dos seguintes temas centrais: o *existir em si*, a *vida*, ou seja, o que Macabéa, por exemplo, contém quando “somente vive, inspirando e expirando” (LISPECTOR, 1998, p. 23), o seu “delicado essencial” (LISPECTOR, 1998, p. 12); as inter-relações, mesmo que insólitas, pois a vida só surge quando uma molécula diz sim a outra; e a tensão entre forças opostas, pulsões dessa mesma vida e o nunca, pulsão negativa no quadro geral da humanidade apresentado no início do livro.

Tendo em mente esses temas cruciais em *A hora da estrela*, serão abordadas as questões propostas acima. Vejamos, primeiramente, a questão do sujeito e seu deslocamento ou obliquidade.

No ensaio do psicanalista Joel Birman, “O sujeito no discurso freudiano: a crítica da representação e o critério da diferença”, encontramos um histórico de diversas concepções do sujeito, partindo da “filosofia do sujeito” até posteriores formulações e descentramentos realizados pela teoria psicanalítica.

A filosofia do sujeito estaria ancorada principalmente nas obras de Descartes e Leibniz e está presente no campo das idéias ocidentais do século XVII ao século XX. Embora a psicanálise, em alguns momentos de sua história, tenha se valido de conceitos oriundos da filosofia do sujeito e formulado categorias alinhadas a esta, ela acabou seguindo uma direção oposta. Ou seja, a teoria psicanalítica orientou-se cada vez mais para uma “radicalização da crítica” da filosofia do sujeito.

Birman esquematizou o percurso dessa radicalização focalizando três momentos de revisão e formação teórica da psicanálise, que foram os seguintes:

1. descentramento da consciência para o inconsciente;
2. descentramento do eu para o outro;

3. descentramento da consciência, do eu e do inconsciente para as pulsões (BIRMAN, 1997, p. 20).

Não citaremos em detalhe todo o percurso teórico que Birman traz a debate, mas é importante mencionar a grande contraposição entre a filosofia do sujeito e o último descentramento desenvolvido pela psicanálise.

Por um lado, a filosofia do sujeito pauta-se pelo cognitivo e racional, pelo método reflexivo, em que o sujeito (como mônada) tem a si como referencial e a razão como instrumental para chegar à verdade.

Por outro lado, a psicanálise, além de ter considerado o inconsciente como dominante e de ter reconhecido o caráter imprescindível da interação para a formação do sujeito, realizou, posteriormente, seu maior descentramento, ao deslocar seu foco “da consciência, do eu e do inconsciente” como instâncias representáveis para a importância das pulsões no psíquico, o que nos leva ao campo do irrepresentável. Cito Birman:

Contudo, o discurso freudiano apresenta outra inflexão crucial, colocando no primeiro plano o conceito de pulsão. O que está em pauta agora são a crítica e os limites da representação. Com isso, o descentramento implica o deslocamento de formações psíquicas inseridas na representação (a consciência, o inconsciente e o eu), para aquilo que estaria em seu exterior (a pulsão). Nesse contexto, o discurso psicanalítico se contrapõe ao campo da filosofia da representação, na medida em que as representações e o sujeito são figurados como *destinos* das pulsões, e não *origem*. Enfim, o inconsciente e o sujeito do inconsciente são destinos privilegiados de pulsões originariamente caóticas e irrepresentáveis (BIRMAN, 1997, p. 36).

Segundo Birman (1997, p. 37), esse último descentramento viria a consolidar a urgência das questões do *desamparo do sujeito* e do *mal-estar na civilização*, tanto porque não existem representações estabelecidas para a subjetivação, quanto porque há um lapso entre as exigências pulsionais e os objetos de satisfação existentes e aceitos em sociedade. Dessa forma, o caminho para uma constituição subjetiva, além de ser inesgotável e constantemente repostado, precisa estabelecer formas únicas de realização, culminando no que Birman chama de “o sujeito da diferença” (BIRMAN, 1997, p. 38).

Após essas reflexões em torno do sujeito psicanalítico, gostaria de citar também ensaio de Jaime Ginzburg sobre Clarice Lispector. Ginzburg, ao abordar a presença da razão antagônica, conceito adorniano, como um dado estrutural da estética de Lispector, toca em pontos afins à problemática de constituição do sujeito na obra da autora. Contudo, seu maior enfoque é a impossibilidade de realização do projeto burguês na

sociedade brasileira e suas correlatas formas de fragmentação da narrativa. Cito Ginzburg:

A partir dessas considerações, é possível examinar alguns pontos referentes à adequação, em Clarice Lispector, entre forma e temas, levando em conta as condições de produção. A hipótese de trabalho consiste em que a fragmentação da narrativa e o distanciamento do realismo tradicional são consistentes, na produção da autora, com a abordagem de temas ligados à precariedade da constituição individual, que corresponde, no plano contextual, à dificuldade da sociedade brasileira em sustentar e viabilizar um projeto burguês de modernização.

De Joana a Macabéa, as principais personagens de Clarice Lispector estão fora do campo de exercício de poder constitutivo da sociedade brasileira, o patriarcado. Muitas delas se mostram com dificuldades de interagir com a realidade, por despreparo, desamparo ou fragilidade. Várias demonstram dificuldade em adequar sua experiência e seus valores às contingências externas (SCHMIDT Org., 2003, p. 86).

Ginzburg retoma a *Ascensão do romance*, de Ian Watt (1990), e “O sujeito e a norma”, de Gerd Bornheim (Bignotto *et al.*, 1992), para abordar os pressupostos de um projeto moderno de individualidade articulado como base da ficção realista, essa base, por sua vez, teria relação direta com a concepção cartesiana de racionalidade.

Autores como Machado de Assis, Virginia Woolf, James Joyce, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e Caio Fernando Abreu, mencionados por Ginzburg, fazem oposição a esse esquema, já que articulam impasses em suas obras referentes ao indivíduo, à constituição do sujeito e à ficção realista.

Em *A hora da estrela*, já de partida, podemos observar os treze títulos do livro, dado que rompe com o realismo tradicional. Essa multiplicidade abre várias formas possíveis de entrada na narrativa<sup>2</sup> e a assinatura trespassada de Clarice Lispector com a imagem de sua própria letra cursiva aponta para o idiossincrático.

Por um lado, o nome de Clarice Lispector é ficcionalizado com essa inscrição, indicando o autor como instância e como função. Por outro lado, a inscrição da imagem da assinatura vincula o livro à inserção do corporal e do que existe de único no gesto de assinarmos nosso nome, uma presença, no corpo do texto literário, mesmo que com uma mediação.

Na dedicatória também se propõe outro problema relativo à instância de autoria. A narrativa será desenvolvida pelo narrador-personagem Rodrigo S.M., que podemos chamar também de autor, mas apenas ao lado da inserção de Lispector como verdadeira

---

<sup>2</sup> Essa leitura é sugerida por diversos críticos como, por exemplo, Vilma Arêas, Nádia Batella Gotlib, Jaime Ginzburg e Ana Aparecida Arguelho de Souza.

autora, conforme lemos na “DEDICATÓRIA DO AUTOR (Na verdade Clarice Lispector)” (LISPECTOR, 1998, p. 9).

Nesse sentido, Rodrigo S. M. seria um personagem e um autor ficcional editado pelo autor implícito, como tudo mais no livro. Clarice Lispector seria mais uma esfera de autoria, a esfera que inscreve *A hora da estrela* no conjunto de obras filiadas ao seu nome.

Nesse ponto, temos um movimento de aproximação, por exemplo, em relação aos romances de Machado de Assis. A percepção do uso do autor suposto como disfarce inaugura-se na crítica machadiana com a leitura a contrapelo de Helen Caldwell e ganha continuidade com Roberto Schwarz, Silviano Santiago e John Gledson, entre outros.

Abel Barros Batista (1994), crítico português, criou polêmica ao defender que já que Dom Casmurro, Brás Cubas e Aires são autores supostos unidos pela rede de autoria de Machado de Assis, existiria um véu entre o que é enunciado nesses romances e a opinião do próprio Machado, que permaneceria uma incógnita.

Independentemente da polêmica, fato é que a recorrência ao uso da máscara causa não só o estranhamento e ruína do realismo tradicional, ao colocar a dúvida já no seio do sujeito que enuncia a ficção, como também favorece o escape.

Augusto Meyer reconhecia essa estratégia na década de 1950 em relação às *Memórias Póstumas*, por exemplo:

É verdade que agora, afivelando ao rosto a máscara de Brás Cubas, vai despejar muita coisa que andava guardada e mais ou menos dissimulada. A psicologia da máscara – todos nós o sabemos muito bem por experiência, neste país do carnaval – é justamente a de um desafoço compensador, que admite a irrupção das verdades recalçadas. Trocada a identidade, alteradas as condições de ser e parecer, o Eu autêntico se entrega à desforra sincera, e o que seria escândalo dentro da norma cotidiana, cai na conta goliardesca (MEYER, 1958, p. 13).

Em *A hora da estrela*, no entanto, Clarice Lispector não coloca sua autoria tão distante, pois se insere na “Dedicatória do autor”, mesmo que entre parênteses. Ademais, a biografia e o estilo da autora contêm pontos de afinidade tanto com a história de Rodrigo S. M. quanto com a de Macabéa. Contudo, é inegável que a instância autoral é problematizada.

Estabelecendo um paralelo com a citação de Meyer acima, podemos lançar várias idéias sugestivas a respeito dessa problemática. Vilma Arêas, por exemplo, refere-se a Rodrigo S. M. como “tosco travesti” de Lispector (ARÊAS, 2005, p. 61), o

que pode ser ligado ao fator da repressão, ou seja, com a máscara, a narrativa vem à tona como escape do que é recalcado.

Suzana Amaral no “Programa 30 Anos Incríveis” da TV Cultura comenta, por exemplo, que sente a escrita de *A hora da estrela* como “se fosse um vômito”, algo que “precisasse ser vertido” por necessidade (ENTREVISTA COM CLARICE LISPECTOR, 1990).

Curioso é pensar também que, embora tenha desejado publicar *A via crucis do corpo* com o “pseudônimo simpático” de Cláudio Lemos (ARÊAS, 2005, p. 61), Lispector não pôde fazê-lo, e sofreu conseqüências no período, por conta do “lixo” (ARÊAS, 2005, p. 61) que defendeu a duras penas. Não seria Rodrigo S. M. também a releitura irônica desenvolvida pela própria autora em relação a esse episódio de sua trajetória literária?

Abordemos agora outro aspecto relevante da “Dedicatória do autor”, agora não em choque apenas com o foco narrativo ou instâncias de autoria do realismo tradicional, mas entrando em contato direto com a temática do sujeito. Trata-se de um comentário vertiginoso em torno da formação do eu, muito importante para a abordagem deste artigo:

*(...) Sobretudo dedico-me às vésperas de hoje e a hoje, ao transparente véu de Debussy, a Marlos Nobre, a Prokofiev, a Carl Off, a Schönberg, aos dodecafônicos, aos gritos rascantes dos eletrônicos – a todos esses que em mim atingira zonas assustadoramente inesperadas, todos esses profetas do presente que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em: eu. Esse eu que é vós pois não agüento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé, tanto tonto que sou, eu enviesado, enfim que se há de fazer senão meditar para cair naquele vazio pleno que só se atinge com a meditação. Meditar não precisa de ter resultados: a meditação pode ter como fim apenas ela mesma. Eu medito sem palavras e sobre o nada. O que me atrapalha a vida é escrever (LISPECTOR, 1998, p. 9-10).*

Primeiramente, nesse trecho, o autor admite que como sujeito tem “zonas assustadoramente inesperadas em si”, desconhecendo-se racionalmente, portanto. Assim, o texto admite que exista no sujeito o campo do que não é evidente, a exemplo do *unheimliche*, aquilo que já foi uma vez familiar, mas tendo sido longamente recalcado, causa o horror no momento em que aparece à luz, o que lhe confere o *status* ambíguo de ser “estranho” e “familiar” ao mesmo tempo, segundo Freud (1976).

Podemos considerar também que são os músicos que vaticinam o sujeito a ele mesmo até que, por ironia, ele não se forma em “eu”, mas sim “*explode*” em “eu”. Ou

seja, o “eu”, justamente a instância que na concepção moderna cartesiana era estável e referencial, surge de uma explosão em Lispector, tendo como aspectos de ponto de partida o cultural, o intersubjetivo e o caótico.

A formação subjetiva, assim, vai da instância do “mim” (objeto) para o “eu” (sujeito), precisando necessariamente nesse percurso do vaticínio do outro. O tempo focaliza o hoje, e os profetas são do presente, o que causa estranhamento também. Ou seja, a que servem os profetas do hoje? A vaticinar o sujeito a si mesmo?

Não se trata de uma profecia visando ao futuro como a que é vendida pela cartomante, espécie de “sujeito suposto saber” que não sabe e que (se) engana. Os profetas do hoje vêm para auxiliar a contar “a história em estado de emergência e calamidade pública” (LISPECTOR, 1998, p. 10)?

Colocam-se como urgentes também, por um lado, a meditação e, por outro, o empecilho da palavra, ou seja, sua insuficiência. De forma que se a meditação pode oferecer a plenitude do vazio, as palavras (consideradas na forma escrita, principalmente) surgem para “atrapalhar a vida”.

Nesse sentido, Macabéa apresenta uma característica de alteridade gritante, porque o que ela guarda como delicado essencial, ao mesmo tempo em que inviabiliza o que poderia ser um projeto de constituição da subjetividade e da individualidade, constitui também uma espécie de estado meditativo, característica que Rodrigo nela inveja. Cito o narrador, que logo após o comentário, refere-se com crueldade sobre a “datilógrafa”<sup>3</sup>:

A maior parte do tempo tinha sem o saber o vazio que enche a alma dos santos. Ela era santa? Ao que parece. Não sabia que meditava pois não sabia o que queria dizer a palavra. Mas parece-me que sua vida era uma longa meditação sobre o nada. Só que precisava dos outros para crer em si mesma, senão se perderia nos sucessivos e redondos vácuos que havia nela. Meditava enquanto batia à máquina e por isso errava ainda mais (LISPECTOR, 1998, p. 24).

Esse trecho também revela o desamparo social de Macabéa nas poucas conexões com o mundo, que possuía nas figuras da tia, de Olímpico, de Glória, do chefe e da

---

<sup>3</sup> Berta Waldman reconhece de forma interessante a crueldade do tratamento do narrador quando se refere a Macabéa como “datilógrafa”: “Enquanto Macabéa tropeça no exercício de copiar às cegas palavras à máquina, alguém traça seu destino através da ação de datilografar. Se está identificado com a personagem no empenho da escrita, o narrador dela se afasta porque escreve o livro contra seu silenciamento. Ao mesmo tempo volúvel e irônico, como quem olha do alto de uma cena de escravidão, o narrador, repetidas vezes, se refere à sua criatura como *datilógrafa*, realçando aquilo que ela falha ser: (...)”. WALDMAN, Berta. “O estrangeiro em Clarice Lispector: uma leitura de *A hora da estrela*” In: *JUDCAICA LATINOAMERICANA: Estudios Histórico-Sociales*, Jerusalém n. 4, 2001, p. 382.

cartomante. Desamparo social que significa simultaneamente desamparo subjetivo. Macabéa é referida pelas negativas, observação crítica já desenvolvida por Vilma Arêas:

(Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha. Se der para entenderem, está bem. Se não, também está bem. Mas por que trato dessa moça quando o que mais desejo é trigo puramente maduro e ouro no estio (LISPECTOR, 1998, p. 25)?

Rodrigo S. M., por sua vez, também se posiciona como deslocado, mas de um modo diferente, como quem olha socialmente “do alto”, mas que tem o capricho e a ironia de se dizer à margem, como bem observa Berta Waldman (JUDAICA LATINOAMERICANA, 2001, p. 382). Cito *A hora da estrela*:

Antecedentes meu do escrever? Sou um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo desonesto. E só minto na hora exata da mentira. Mas quando escrevo não minto. Que mais? Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim (LISPECTOR, 1998, p. 19).  
É o seguinte: ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzira-se a si. Também eu, de fracasso em fracasso, me reduzi a mim mesmo mas pelo menos quero encontrar o mundo e seu Deus (LISPECTOR, 1998, p. 18).

Assim, Rodrigo S. M., apesar de socialmente distante de Macabéa, procura absorvê-la, mantendo uma relação estreita entre criador e criatura. Essa relação, como citado acima, desenrola-se tanto por meio do amor e da solidariedade, quanto por meio da crueldade e do sadismo, além de ser orientada por uma busca em parte necessária, em parte enigmática.

Yudith Rosenbaum em *As metamorfoses da mal: uma leitura de Clarice Lispector*, valendo-se do instrumental psicanalítico, analisa a relevância do desenvolvimento do mal na obra de Lispector e em determinado momento cita a questão da alteridade como fundamental a esse:

O exercício do mal em Clarice Lispector, pelo que foi visto até o momento, aparece no imbricamento de relações duais que configuram um campo atravessado pela desordem como força maléfica e perturbadora de uma estabilidade até então existente. Em todos os pares investigados, a alteridade surge também como categoria fundadora da subjetividade – o si-mesmo só se reconhece contrastado a um outro – e, talvez pelo mesmo motivo, surge também como elemento indissociável do sadismo, componente fundamental da vida pulsional humana (ROSENBAUM, 1999, p. 21).

Assim, o enfrentamento entre o eu e o outro, em Clarice Lispector, pode se desenvolver como perda ou busca da identidade como, por exemplo, nos casos de



contraste entre Marcel Pretre e a Pequena Flor (Lispector, 1998), entre Laura e as rosas (Lispector, 1998), G.H. e a barata (Lispector, 1996), e a cronista Clarice Lispector e Mineirinho (Lispector, 1999), entre outros pares. Essa relação também foi investigada por Daniela Mercedes Kahn (2005) em *A via crucis do outro: identidade e alteridade em Clarice Lispector*.

Em “Mineirinho” percebem-se técnicas semelhantes às mantidas em *A hora da estrela* porque a “transformação do eu que escreve no outro sobre o qual se escreve” será um recurso pungente no romance.

Na entrevista a Júlio Lerner de 1977, percebemos também que a transformação no outro é a parte do texto mais nítida na memória da autora. Ela cita a crônica como uma de suas obras favoritas, ao lado de “O ovo e a galinha”, e diz com ênfase: “No 13º (tiro) sou eu. Eu me transformei no Mineirinho massacrado pela polícia” (ENTREVISTA COM CLARICE LISPECTOR, 1990), realçando a prepotência no assassinato.

Em *A hora da estrela*, a relação de Rodrigo S. M. é de fusão e espelhamento com Macabéa, a transformação no outro é um dado em perspectiva. Mas diferentemente da crônica “Mineirinho”, o texto se desenvolve recorrentemente com crueldade por parte do narrador.

Há a questão solidária da abordagem do tema humilde, mas há também a maldade. Além disso, a relação estabelecida é unilateral, ou seja, Rodrigo S.M. sabe de Macabéa, mas ela, além de não saber de si própria, não tem consciência dele. Lemos, por exemplo, no romance:

Pois a datilógrafa não quer sair dos meus ombros (LISPECTOR, 1998, p. 22).

Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um rufar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nos introcamos (LISPECTOR, 1998, p. 22).

É paixão minha ser o outro. No caso a outra. Estremeço esqualido igual a ela (LISPECTOR, 1998, p. 29).

(Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape da vida massacrante da média burguesia. Bem sei que é assustador sair de si mesmo, mas tudo o que é novo assusta [...]) (LISPECTOR, 1998, p. 30).

Macabéa me matou (LISPECTOR, 1998, p. 40).

O ponto de se transformar no outra leva-nos diretamente a uma questão ética, ou seja, uma questão de sobre como abordar a alteridade. Nesse sentido, Lispector põe em

cena tensões de uma literatura que seja documental ou que se diga social, desde o primeiro regionalismo em literatura brasileira.

O limite entre o eu e o outro é uma forte questão ética. Ou seja, faz parte da ética tratar os outros (e respeitar seus limites) tal qual gostaríamos nós mesmos de sermos tratados. Vejamos, nesse sentido, ao mesmo tempo, a preocupação e a ironia de Rodrigo S. M. em relação ao sofrimento de Macabéa no seguinte trecho:

De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu. Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza. E se for triste a minha narrativa? Depois na certa escreverei algo alegre, embora alegre por quê? Porque também sou um homem de hosanas e um dia, quem sabe, cantarei loas que não as dificuldades da nordestina (LISPECTOR, 1998, p. 19).

Nádia Batella Gotlib analisa que a ficção de Lispector, e em especial *A hora da estrela*, havia desmontado a tradição do romance social de 1930, indo contra o realismo histórico e o marxismo teórico, ao se utilizar com ironia dos mesmos pressupostos desse romance, mas de forma a implodi-los (2001, p. 316) – implodi-los justamente porque, entre outros motivos, Macabéa é irrepresentável.

No campo psicanalítico também Mario Eduardo Costa Pereira afirma que *A hora da estrela* aborda a alteridade na busca de uma verdade que é inesgotável pela linguagem e faz a seguinte observação em relação à ética psicanalítica:

A alteridade constitui, assim, uma dimensão essencial da experiência psicanalítica. A recusa que esta se impõe de toda tentativa de “compreensão” do outro coloca-se como um pivô entre a técnica e a ética da psicanálise: o que pode haver de mais abjeto do que afirmar ao desesperado: “eu compreendo a tua dor”? A dor, como o gozo são experiências radicalmente íntimas, intransferíveis, marcas abomináveis da nossa mais absoluta solidão (PEREIRA, 1998, p. 12).

Voltando ao romance, podemos observar Lispector, autora implícita, que cria um narrador/autor Rodrigo S. M. que, por sua vez, lida com a alteridade de Macabéa, procurando sua dor.

Por outras entradas da narrativa, Rodrigo S. M. lida também de forma sádica com a alteridade que é o leitor implícito e com o Outro da tradição, fazendo referência a uma literatura de representação insuficiente para expressar o estado de calamidade do “hoje”. Ou seja, o chão histórico do romance em tecnicolor constitui um real irrepresentável.

Vemos aí tensionadas muitas forças em jogo na trama do romance. Há o solidário interesse por parte do narrador em Macabéa e em seu enigma e força de vida, mas também a irritação de Rodrigo com sua passividade “que pede tapa”. Há a inocência perdida de Macabéa, ao entrar em contato com a cartomante, mas, logo em seguida, seu sacrifício conduzido de forma hesitante pelo narrador, que ora deixa implícito poder fazer algo, ora afirma que não está em seu alcance salvá-la. Rodrigo S. M. no fim do romance é quem compõe a história, mas tenta, ao mesmo tempo, eximir-se da culpa da morte.

Quando Júlio Lerner pergunta a Lispector se o texto “Mineirinho” podia alterar a “ordem das coisas” (ENTREVISTA COM CLARICE LISPECTOR, 1990), sua resposta diz que não altera em nada. Quando o jornalista pergunta, então, sobre por que continuar escrevendo, ela diz: “E eu sei?... Porque no fundo a gente não tá querendo alterar as coisas. A gente tá querendo desabrochar de um modo ou de outro” (ENTREVISTA COM CLARICE LISPECTOR, 1990). Quando é perguntada, logo em seguida, sobre o papel do escritor brasileiro na época, diz: “De falar o menos possível” (ENTREVISTA COM CLARICE LISPECTOR, 1990).

Assim, se o objetivo de Lispector é o de “desabrochar as coisas”, em *A hora da estrela*, podemos ver desabrochados o contexto da autora e o nosso na forma de antagonismos e tensões sociais, na forma de impasses para a constituição subjetiva, assim como por meio de fraturas nos esquemas tradicionais de representação romanesca.

E se tudo começou com um sim, conforme citado do primeiro parágrafo do livro, o romance igualmente termina com um sim, uma afirmação que substitui o lugar do tradicional “fim”. Seria essa uma afirmação à espera de outro sim que continue a desabrochar?

Para Berta Waldman, que desenvolve uma leitura do romance, tendo em perspectiva a tradição judaica, o fim do romance estanca o futuro como um convite à posteridade para que esse passado seja retomado. Concluo, portanto, as reflexões apresentadas sobre sujeito deslocado e alteridade em *A hora da estrela* neste artigo com o comentário de Waldman, que faz entrever, apesar de toda a catástrofe e da prepotência que tanto revoltou Lispector, uma esperança e continuidade. Cito:

No plano propriamente dramático, Macabéa pode ser vista como vítima de uma circunstância de desgarramento, elo partido em seu país de origem e também da cadeia da tradição judaica, cabendo-lhe como uma luva um dos títulos do romance *Quanto ao futuro*, que ela

pronuncia minutos antes de sua morte e “que nenhum dos transeuntes entendeu”, onde o ponto final intercepta todo o caminho, criando um estranhamento lingüístico pela frustração de continuidade inerente à expressão temporal. No plano autoral, entretanto, escrever uma história onde o futuro se estanca significa dar-lhe continuidade, denotando que o passado quer ser resgatado, que ele aspira à sua reparação (JUDAICA LATINOAMERICANA, 2001, p. 389).

## REFERÊNCIAS

- ENTREVISTA COM CLARICE LISPECTOR (1977). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9ad7b6kqyok&feature=related>; <http://www.youtube.com/watch?v=TvLrJMGlnF4&feature=related>; [http://www.youtube.com/watch?v=ZVwj3pHAi\\_s&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=ZVwj3pHAi_s&feature=related); <http://www.youtube.com/watch?v=ptCJzf20rbY&feature=related>; <http://www.youtube.com/watch?v=TbZriv5THpA&feature=related>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2013.
- ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- BAPTISTA, Abel Barros. “O legado Caldwell, ou o paradigma do pé atrás. In: SANTA BARBARA PORTUGUESE STUDIES 1, 1994, p. 141-177.
- BIRMAN, Joel. “O sujeito no discurso freudiano: a crítica da representação e o critério da diferença”. In: \_\_\_\_\_. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 15-42.
- BORNHEIM, Gerd. “O sujeito e a norma”. In: BIGNOTTO, Newton et alii. *Ética*. São Paulo: Cia. Das Letras/SMC, 1992, p. 247-260.
- FREUD, Sigmund. “O estranho” (1919). In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, V. XVII, p. 273-315.
- GINZBURG, Jaime. Clarice Lispector e a razão antagônica. In.: Rita Schmidt (org.) *A ficção de Clarice: nas fronteiras do (im)possível*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2003, p. 85-99.
- GOTLIB, Nádia Batella. “Macabéa e as mil pontas de uma estrela”. In: MOTA, L. D. ABALA JR, B. (org.). *Personae*. São Paulo: Editora Senac, 2001, p. 286-317.
- KAHN, Daniela Mercedes. *A via crucis do outro: identidade e alteridade em Clarice Lispector*. São Paulo: Humanitas, FAPESP, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A Paixão segundo G.H.*. Madri, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALLCA XX, EDUSP, 1996.
- PEREIRA, Mário Eduardo Costa. “Solidão e alteridade em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”. In: *Leituras de Psicanálise Estéticas da exclusão*. (Org. PEREIRA, M. E. C.). Campinas: SP, ALB e Mercado de Letras, p. 11-34.
- ROSENBAUM, Yudith. *Metamorfoses do mal: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1999.
- SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. *O humanismo em Clarice Lispector: um estudo do ser social em A hora da estrela*. São Paulo: Musa Editora; Dourados: UEMS, 2006.
- WALDMAN, Berta. “O estrangeiro em Clarice Lispector: uma leitura de *A hora da estrela*” In: JUDAICA LATINOAMERICANA: *Estudios Histórico-Sociales*. Jerusalém, n. 4, 2001, p. 379-380.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.